V. 9, N21, 2025
DOI: 10.29327/268346.9.21-2

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

O INSTAGRAM E A CIRCULAÇÃO DE *'CONHECIMENTOSSIGNIFICAÇÕES'* NOS COTIDIANOS DOS *'DENTROFORA'* DAS ESCOLAS

Alessandra da Costa Barbosa Nunes Caldas
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
https://orcid.org/0000-0002-2103-6948
Izadora Agueda Ovelha
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
https://orcid.org/0000-0003-4029-2207
Maristela Petry Cerdeira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
https://orcid.org/0000-0002-1588-0149

RESUMO:
Neste artigo, refletimos sobre os processos pelos quais os múltiplos '*espaçostempos*' dos tantos '*dentrofora*' das escolas possibilitam, por meio dos artefatos culturais, curriculares e tecnológicos, as criações e maneiras de '*fazerpensar*' com os cotidianos. Entendemos, nas pesquisas que desenvolvemos, as conversas como caminho metodológico ao identificar o movimento do encontro em seus diversos *'espaçostempos'* da pesquisa. Essa metodologia privilegia a atenção ao que se apresenta durante as conversas como ação criadora. Nesse caminho, o objetivo deste artigo é compreender como são feitos os 'usos' das redes sociais, artefatos tecnológicos e culturais por professores pesquisadores nas suas redes sociais. No movimento de *'verouvirsentirpensar'* com professores pesquisadores, conversamos com eles, por meio dos seus perfis da rede social *Instagram*, *'espaçotempo'* que é utilizado como uma ferramenta de circulação científica e divulgação de *'conhecimentossignificações'* das suas *'práticasteoriaspráticas'* e lutas cotidianas para uma educação com mais equidade e que respeite todas as formas de existir no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: redes educativas. artefatos tecnológicos. redes sociais. Instagram

Abstract

In this article, we reflect on the processes by which the multiple 'spaces-times' of the many 'inside-outsides' of schools make possible, through cultural, curricular and technological artifacts, the creations and ways of 'doing-thinking' with everyday life. In the research we have carried out, we see conversations as a methodological way of identifying the movement of the encounter in its various 'spaces-times' of research. This methodology focuses attention on what is presented during conversations as a creative action. In this way, the aim of this article is to understand how the 'uses' of social networks, technological and cultural artifacts are made by teacher researchers in their social networks. In the movement of 'seeing-listening-thinking' with teacher researchers, we talked to them through their Instagram social network profiles, a 'space-time' that is used as a tool for scientific circulation and dissemination of 'knowledge-meanings' of their 'practices-theories-practices' and daily struggles for an education with more equity and that respects all forms of existence in the world.

KEYWORDS: educational networking. technological artifacts. social networks. Instagram

Resumen

V. 9, N21, 2025
DOI: 10.29327/268346.9.21-2

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

En este artículo, reflexionamos sobre los procesos por los cuales los múltiples 'espacios-tiempos' de los muchos 'dentro-fuera' de las escuelas posibilitan, a través de artefactos culturales, curriculares y tecnológicos, creaciones y formas de 'hacer-pensar' con la vida cotidiana. En la investigación que hemos llevado a cabo, vemos las conversaciones como una forma metodológica de identificar el movimiento del encuentro en sus diversos 'espacios-tiempos' de investigación. Esta metodología favorece la atención a lo que emerge durante las conversaciones como acción creativa. De este modo, el objetivo de este artículo es comprender cómo los «usos» de las redes sociales y los artefactos tecnológicos y culturales son realizados por los profesores investigadores en sus redes sociales. En el movimiento de 'ver-escuchar-pensar' con las docentes investigadoras, conversamos con ellas a través de sus perfiles de Instagram, un 'espacio-tiempo' que es utilizado como herramienta de circulación y diseminación científica de 'saberes-sentidos' de sus 'prácticas-teorías-prácticas' y luchas cotidianas por una educación con más equidad y que respete todas las formas de existencia en el mundo.

PALABRAS CLAVE: redes educativas. artefactos tecnológicos. redes sociales. Instagram

As redes sociais on-line, com suas incontáveis possibilidades de autoenunciação, fornecem um campo propício para a criação de outras versões imagéticas e discursivas de nós mesmos, inscritas na ordem e/ou nas inconveniências, operando com as hipermídias.
(Leonardo Nolasco-Silva)

1 INTRODUÇÃO

Contamos, em nosso grupo de pesquisa, com pesquisadoras e pesquisadores que atuam em diferentes áreas no campo da educação, cujo interesse se dá a partir das vivências das inúmeras redes educativas que formamos e nas quais nos formamos. Nesse viés, buscamos compreender os processos pelos quais os múltiplos '*espaçostempos*'[1] dos tantos '*dentrofora*' das escolas possibilitam, por meio dos artefatos culturais, curriculares e tecnológicos, as criações e maneiras de '*fazerpensar*' com os cotidianos. Nesse caminho, Certeau (2014) nos convoca a *'verouvirsentirpensar' com as* táticas cotidianas, com as criações cotidianas nos *'espaçostempos'* inventados e usados pelos '*praticantespensantes*' (Oliveira, 2012), como modo de pesquisar e, consequentemente, de se produzir *'conhecimentossignificações'*.

[1] A utilização desses termos – reunidos, em itálico, com aspas simples – tem a ver com a necessidade de mostrar que as dicotomias que foram vitais na criação dos '*conhecimentossignificações*' científicos, na Modernidade, hoje significam limites para o que é necessário criar em ciências, pelo menos em Educação.

V. 9, N21, 2025
DOI: 10.29327/268346.9.21-2

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

Entendemos, nas pesquisas que desenvolvemos, as conversas como caminho metodológico por percebermos o movimento do encontro em seus diversos *'espaçostempos'* da pesquisa. Essa metodologia privilegia a atenção ao que se apresenta durante as conversas como ação criadora. Buscamos o que as conversas nos apresentam, é o que acontece no encontro que nos interessa, uma vez que esta

> [...] busca por uma proximidade com o Outro em nossas pesquisas não resulta em uma abordagem individualizada, mas vai ao encontro do que se passa entre as pessoas, isto é, privilegia as relações que são estabelecidas com os encontros, dedica especial atenção ao que é tecido junto, (Alves, Ferraço, 2018, p. 52).

A ação de conversar caracteriza-se como um ambiente de compartilhamento atento ao que o próprio ambiente pode oferecer. Mediante a nossa conversa e as mudanças no mundo, precisamos considerar que estamos frente a uma geração de nascidos digitais. A informação é fugaz, a atenção é momentânea, crianças com novas habilidades e a educação insistindo, por vezes, em frear ou mesmo limitar os usos das tecnologias nos '*espaçostempos*' das muitas redes educativas. Instigar o estudante a buscar o conhecimento, a ver sentido no aprendizado e no compartilhamento, talvez, seja a tarefa mais desafiadora de um professor.

Dessa forma, em nossos cotidianos, damos ênfase a esse movimento através da metodologia das conversas, presente em nossas vidas através das muitas conversas que tecemos ao longo de nossa convivência. Quando criamos artefatos curriculares em nossas salas de aula, esses se dão, também, por meio de conversas em nossos fazeres cotidianos. Essa é uma das grandezas das conversas como metodologia de pesquisa, permitindo-nos ressignificar nossas crenças de forma a nos (re)conhecermos. Em nossas salas de aula, trabalhamos com a ideia de que, a partir das conversas, trocamos *'fazeressaberes'* e potencializamos nossos pensamentos acerca das narrativas e dos acontecimentos, favorecendo a aprendizagem significativa em rede.

Ao pensar com as pesquisas com os cotidianos, percebemos que estamos constantemente interagindo com as múltiplas formas de criações proporcionadas

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

pelos artefatos tecnológicos presentes em nossas redes educativas. Conversar acerca dos ‘usos’ (Certeau, 2014) desses espaços nos permite perceber as muitas maneiras de como já fazemos ‘uso’ das tecnologias nos nossos cotidianos. Sendo assim, o objetivo deste artigo é compreender como são feitos os ‘usos’ das redes sociais, artefatos tecnológicos e culturais por professores pesquisadores nas suas redes sociais.

Esse movimento nos leva a articular questões relacionadas ao ‘*fazerpensar*’ nos diversos ‘*dentrofora*’ das escolas, considerando os diferentes ‘*conhecimentossignificações*’ que são desenvolvidos nas redes que nos formam e que formamos. Pois,

> nas pesquisas com os cotidianos partimos da ideia de que pensar as práticas cotidianas de viver dentro e para além das macro-negociações políticas e econômicas permite nos aproximar da complexidade da vida sem abrir mão de todas as redes que formamos e nas quais nos formamos. Neste sentido, nunca buscamos estudar sobre os cotidianos, mas estudar nos/dos/com os cotidianos, assumindo a nossa total implicação neste processo, entendendo-nos, sempre, como neles mergulhadas. Estudar e pesquisar com os cotidianos de pessoas comuns, com as histórias comuns que nos são contadas – porque nessas pesquisas as narrativas (todos os sons) e imagens contam – encontrando nestas, sentimentos e ‘conhecimentossignificações’ que seus ‘praticantespensantes’ (OLIVEIRA, 2012) criam, exigiu admitir a riqueza e complexidade desses ‘espaçostempos’ (Alves; Andrade; Caldas, 2019, p. 1).

A presença dos artefatos tecnológicos no cotidiano contemporâneo é inegável e nos coloca diante de uma nova dinâmica de interações. O celular, por exemplo, tornou-se uma extensão de nós mesmos, modificando a forma como nos comunicamos e, mais amplamente, como vivemos. A conectividade constante promove uma comunicação instantânea, mas, ao mesmo tempo, traz desafios como a pressão e a opressão decorrentes dessa disponibilidade contínua (Certeau, 2014). Nesse sentido, ao mesmo tempo que a tecnologia facilita a conexão, ela também exerce um controle invisível sobre o indivíduo, uma dualidade que perpassa o cotidiano. Segundo Certeau (2003),

> O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende

V. 9, N21, 2025
DOI: 10.29327/268346.9.21-2

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

> intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...]è um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres.[...] (Certeau, 2003, p. 31).

No contexto escolar, essa realidade se apresenta de maneira ainda mais complexa, pois os educadores precisam refletir sobre como tais tecnologias impactam as vivências e as aprendizagens dos alunos, tanto dentro quanto fora do ambiente educacional. Pensar com os cotidianos escolares, junto com Alves (2019), implica reconhecer que as escolas são atravessadas por múltiplas influências, nesses múltiplos acontecimentos nos tantos '*dentrofora*' de uma sala de aula. A integração das tecnologias digitais aos cotidianos das escolas não se dá de maneira isolada, mas como parte de um processo de circulação de '*conhecimentossignificações*' e de *'práticasteoriaspráticas'*. Gestores e professores, nesse contexto, são desafiados a refletir coletivamente sobre como esses dispositivos influenciam as interações e as experiências formativas das crianças e jovens, criando múltiplas formas e possibilidades de '*aprendizagensensinos*'.

A pandemia de COVID-19 intensificou esse processo em que nos vermos dentro desse campo tecnológico, impondo uma urgência na utilização de vários artefatos tecnológicos. No entanto, ao invés de apenas acelerarem uma transição já em curso, tais tecnologias abriram novas possibilidades metodológicas que valorizam a pluralidade de experiências e saberes presentes nas escolas. Ao pensar em um olhar atento aos cotidianos e às *'práticasteoriaspráticas'* que circulam nesses espaços, podemos compreender os movimentos criativos, individuais e coletivos, que emergem em resposta às mudanças impostas pelas tecnologias.

Essa imersão nas novas práticas digitais requer conversas contínuas de como foram, são e serão utilizadas. As tecnologias, ao invés de representarem soluções simplificadas e já prontas, nos trazem muitas possibilidades e é justamente a partir delas que precisamos pensar o que ajuda a caminhar cotidianamente com as escolas. Tal como apregoado por Certeau (2003), valemo-nos da constatação de que "o que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível" (Certeau, 2003, p. 31). É possível, então, pensar nesse invisível

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

como cotidianos que se tecem as novas práticas educacionais mediadas e pensadas com as tecnologias.

Ao longo desse processo de '*verouvirsentirpensar*' as maneiras de utilizarmos novos artefatos, observamos uma crescente valorização das produções pedagógicas, onde foi possível ver uma colaboração entre escolas, professores, alunos, famílias e comunidades. A pandemia trouxe consigo um reconhecimento das práticas curriculares desenvolvidas pelos próprios professores, o que fortalece a autonomia das escolas frente às pressões de modelos externos e generalizantes. A tecnologia, embora imposta como necessidade durante o período pandêmico, também se torna um meio de criação e circulação de novos '*conhecimentossignificações*'.

É preciso, pois, pensar que não se trata de retornar a um 'novo normal', mas de tecer novas formas de se pensar nos muitos cotidianos escolares que se formam e nos formam. A pandemia nos fez ver que a escola não pode mais ser pensada sem a presença das tecnologias, mas essa presença deve ser refletida criticamente, levando em conta as diferentes realidades e possibilidades de interação que emergem no cotidiano das crianças e jovens. O desafio atual é (re)pensar as práticas educacionais com base na complexidade dos cotidianos, valorizando as experiências vividas e as múltiplas formas de '*pensarfazer*'.

2 AS TECNOLOGIAS NOS COTIDIANOS ESCOLARES E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DA CIRCULAÇÃO CIENTÍFICA

Ao analisar a sociedade contemporânea, notamos como as tecnologias e os diferentes artefatos tecnológicos têm transformado o processo de transmissão de informações, disseminando '*conhecimentossignificações*' e, ainda, garantindo a difusão do conhecimento científico e da criação de universos simbólicos.

A introdução de novos arranjos nas dimensões '*espaçotemporais*' e da virtualidade tem possibilitado formas de comunicação muito mais interativas do que as anteriores, além de integrar diversas modalidades sensoriais. Esses fenômenos têm levado à formação de grupos múltiplos e variados, que

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

participam da circulação do conhecimento científico, pois, “nas pesquisas com os cotidianos experimentamos [...] alargar as possibilidades de daquilo que produzimos com os nossos trabalhos” (Nolasco-Silva, 2024, p. 03). Esses movimentos de circulação promovem novos modos de pensamento e atribuição de sentidos, em novas redes de ‘*conhecimentossignificações*'. Ao considerar o impacto da Internet na popularização das teorias educacionais, na socialização de informações e na troca de experiências e valores, podemos afirmar que o estudo dessas questões pode provocar novas discussões no campo educacional, abrangendo teorias educacionais, reformas, práticas escolares e processos de formação.

Dentre as pesquisas que realizamos, procuramos pensar e com o campo da Educação a discussão da “divulgação científica”, já bastante avançada em outras áreas, mas entendendo que, por exigências do campo, com o qual também corroboramos, deve ser compreendida como “circulação científica”. Na área da Educação,

> o que propomos é uma circulação da produção [...] possibilitando uma ‘conversação científica’, tanto no sentido dos pesquisadores/professores inseridos na Universidade para seus colegas atuante nas escolas, como no sentido dos professores/pesquisadores que, em suas práticas curriculares nas escolas, passam a contribuir com os [...] [‘conhecimentossignificações’] que criam cotidianamente, na melhor compreensão dos processos curriculares. Com essa atitude, propomos o ‘uso’ da divulgação científica como potência para pensar e praticar a circulação de [...] [‘conhecimentossignificações’], [...] [articulando] os pólos de produção e emissão, e considerando a ‘conversação científica’, da qual todos podem participar, como parte integrante e fundamental da produção de ciência, na área da educação. Tudo isto vem permitindo transformações que ressoam em nossas possibilidades de expressão, sensação, entendimento [...] [na] ‘aprendizagemensino’ pelos mais diversos ‘espaçostempos' [...]. E, mais ainda, criando a compreensão de que, nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, em múltiplas questões curriculares, não é possível criar [...] [conhecimentossignificações] válidos sem a intensa participação de todos os seus [...] [praticantespensantes] (Caldas, 2010, p. 73).

Essa abordagem possibilita um processo permanente de avaliação sobre os 'usos' (Certeau, 2016) e a compreensão que professores e leitores têm da “circulação científica” na área da Educação, compreendida não apenas como informação (mensagem), mas como comunicação, o que implica relação. A circulação científica (Caldas, 2010) faz parte dos próprios processos de produção da pesquisa, sendo um de seus movimentos necessários nas

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

pesquisas com os cotidianos[2]. Assim, entendendo a circulação científica como um dos movimentos necessários para as pesquisas com os cotidianos, nos tanto '*dentrofora*' das escolas, nas múltiplas redes educativas que formamos e que nos formam, podemos perceber e tensionar as negociações possíveis das e nas vozes de muitos '*praticantespensante*s' (Oliveira, 2012).

A cada passo que damos nos caminhos que escolhemos trilhar, em nossas conversas e compartilhamentos pela Internet, emergem várias questões que nos possibilitam pensar a importância da circulação daquilo que produzimos entre todos aqueles envolvidos com a Educação, tentando estabelecer uma relação de trocas entre o que pensam e o que produzem, tanto os professores/pesquisadores das universidades, como os professores/leitores e todos os outros interessados nesse campo do conhecimento. Dito isso, é preciso reconhecer saber sobre as questões que circulam nas redes sociais e que são fruto de '*práticasteoriaspráticas*' e sobre elas 'conversar' com tudo o que se pode trazer. De alguma maneira, tratar-se-á de uma ação de (des)(trans)formar tanto os docentes quanto os pesquisadores interessados nas questões que abarcam as '*práticoteóricas*' da/na/com a Educação e seus cotidianos. Como se sabe,

> Produzir, registrar e fazer circular [...] são processos que alargam os nossos entendimentos sobre o vivido e sobre o interditado. Ao mesmo tempo, nos aproximam de tantos outros relatos que falam da complexidade dos cotidianos, da multiplicidade dos modos de produzir e de habitar salas de aula e dos desafios que o tempo presente nos impõe quando pensamos nas relações entre tecnologias e educação. (Nolasco-Silva, 2024, p. 06).

Viver tal sistemática em uma situação de grupos que trabalham e pensam juntos significa nos preparar melhor para resolver o que vai se apresentar no futuro, quer na área de produção científica das Ciências Sociais e Humanas, quer nas escolas brasileiras. São as vozes sociais e os diversos discursos presentes nas novas redes de relações e interações, emergentes nos contextos contemporâneos, que possibilitam o fluxo livre de informações

[2] Esses movimentos que consideramos indispensáveis em nossos '*fazeressaberes*' cotidianos são assim nomeados: "O sentimento do mundo"; "Ir sempre além do já sabido"; "Criar nossos 'personagensconceituais'"; "Narrar a vida, audiovisualizar e literaturizar a ciência"; "Ecce femina+"; "A circulação dos 'conhecimentossignificações' como necessidade".

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

‘*conhecimentossignificações*’. É nessas redes, múltiplas, diferentes e incontroláveis – contra os desejos de alguns –, pensadas em forma de hipertextos, que propomos a circulação de conhecimentos e significações produzidos no campo da Educação, entendendo “[...] as possibilidades que esses usos criam para o conhecimento e para a realização dos currículos, para além da ideia de produtos, equipamentos, serviços e técnicas inventados” (Soares; Santos, 2012, p. 03). Tudo isso por meio de diálogos diferenciados e crescentes, nos quais todos os envolvidos e interessados se assumem como protagonistas.

3 OS USOS DAS TECNOLOGIAS NAS ESCOLAS E SUAS PROIBIÇÕES

A integração das tecnologias no ambiente educacional vai muito além da simples implementação desses artefatos. Ela envolve uma transformação na maneira como entendemos e promovemos o aprendizado, que hoje ocorre em múltiplos espaços e formatos. As plataformas digitais se consolidaram como ambientes de *'aprendizagemensino'*, onde indivíduos exploram diferentes saberes, interagem com diversas comunidades e desenvolvem autonomia. Diante dessa realidade, é essencial que as políticas educacionais reconheçam e incorporem essas novas dinâmicas, não apenas garantindo o acesso às tecnologias, mas também valorizando o aprendizado formal e informal.

Esse movimento reflete a noção de um '*dentrofora*' da escola, em que a Educação não se restrinja somente ao espaço físico da sala de aula, mas se expanda para ambientes digitais e contextos de aprendizagem mais amplos. Promover essa abordagem requer a criação de diretrizes que assegurem que os usos dessas plataformas estejam em sintonia com valores éticos e democráticos, estimulando a curiosidade, o compartilhamento de saberes, o desenvolvimento de ‘*conhecimentossignificações*’ e fomentando a autonomia dos estudantes. Exatamente por isso, o diálogo contínuo entre educadores, alunos, especialistas em tecnologia e legisladores torna-se indispensável para que o uso das tecnologias digitais realmente contribua para uma educação mais inclusiva, crítica e consciente. Somente a partir dessa colaboração será possível garantir

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

que as novas maneiras de aprendizado sejam plenamente integradas ao processo educacional, atendendo às necessidades do mundo contemporâneo.

Circunscrevemo-nos, pois, ao que foi postulado por Ávila (2008), ao sublinhar como os professores produzem e modificam esses saberes no exercício de sua profissão. Esses *'saberesfazeres*' são tecidos cotidianamente em nossos fazeres diários, onde somente através das '*práticasteoriaspráticas*' oportunizadas pelas vivências podemos olhar para além do que já se acredita '***fazersaber'***, possibilitando-nos perceber novos caminhos, novos desafios, novas práticas, novos modos de se '*aprenderensinar*' nos '*dentrofora*' da escola.

Como mencionamos anteriormente, as tecnologias digitais, especialmente os celulares, fazem parte da nossa existência cotidiana na contemporaneidade. Tal como comentando anteriormente, o contexto pandêmico acabou nos impondo a necessidade de nos reinventarmos e lançarmos mão das muitas tecnologias digitais nos tempos de ensino remoto:

> Na pandemia, por exemplo, quando o ensino remoto – que, até então, não tinha nome, nem método, nem definição – tornou-se uma necessidade, foi preciso apelar para a multiplicidade dos modos de usar (Certeau, 2014) as tecnologias que já faziam parte dos nossos cotidianos. Professores, estudantes, famílias e instituições de ensino se viram diante do desafio de usar o que se tinha [...], para oportunizar a continuidade do ano letivo. Sem tempo hábil para grandes formações com as tecnologias, as escolas foram usando os 'saberesfazeres' das pessoas comuns que, no comecinho dos dias, antes da pandemia, já operavam com o WhatsApp, o Facebook, o YouTube, ainda que sem intencionalidade didática. Há, nas docências, uma dimensão artesã que aproxima 'saberesfazeres' domésticos ou extracurriculares das artes de fazer da profissão. (Nolasco-Silva, 2024, p. 07).

Nesse período, professores e alunos '*aprenderamensinaram*', em tempo recorde, a utilizar plataformas e programas diversos, pensando no processo de desenvolvimento de '*conhecimentossignificações*' e, até mesmo, pensando na assistência emocional dos alunos em tempos tão difíceis. No entanto, quando voltamos para os '*espaçostempos*' das escolas para um novo normal, os 'usos' das tecnologias começaram a ser questionados. Estudos encomendados por diversas organizações apresentaram resultados que, em muitos pontos, desconsideram os resultados obtidos no período pandêmico. Algumas secretarias de educação, inclusive, criaram leis que proibiram o uso dos *smartphones* nas escolas.

V. 9, N21, 2025
DOI: 10.29327/268346.9.21-2

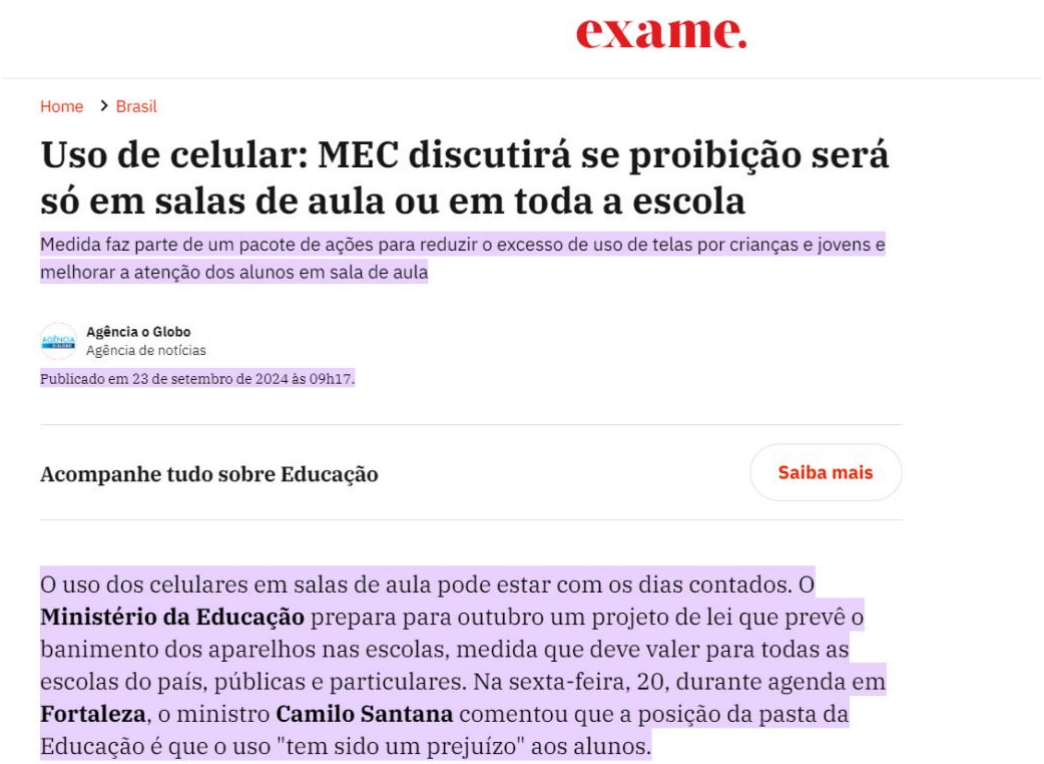
revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

Dito isso, cabe, aqui, refletir e discutir sobre essa questão de proibição do uso de celulares nas escolas. Tal feito vai além de uma simples restrição, pois ela propõe uma reflexão sobre como as tecnologias podem estar ligadas ao aprendizado e socialização entre os estudantes de maneira negativa. O desafio consiste em encontrar formas de integrar a tecnologia de maneira positiva, pensando junto com os '*espaçostempos*' de ensino e promovendo o desenvolvimento de '*conhecimentossignificaçõe*s' necessários para o processo de '*aprendizadoensino*' dos alunos. Precisamos usar a nosso favor esses artefatos tecnológicos que estão disponíveis e que são diversos, já que "o digital está na "pele da cultura", nos atravessa e nos condiciona" (Santos, 2024, p. 20). O que temos percebido, navegando na *web* e, como pesquisadoras com os cotidianos das escolas e das tantas redes educativas que formamos e que nos formam, são as muitas iniciativas institucionais que vêm na contramão dessa afirmação. Circulam na internet inúmeras reportagens que sinalizam para a proibição do uso dos celulares nas escolas, como podemos conferir na reprodução a seguir:

V. 9, N21, 2025
DOI: 10.29327/268346.9.21-2

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

Figura 1 – Print do site da reportagem



exame.

Home > Brasil

Uso de celular: MEC discutirá se proibição será só em salas de aula ou em toda a escola

Medida faz parte de um pacote de ações para reduzir o excesso de uso de telas por crianças e jovens e melhorar a atenção dos alunos em sala de aula

Agência o Globo
Agência de notícias

Publicado em 23 de setembro de 2024 às 09h17.

Acompanhe tudo sobre Educação — Saiba mais

O uso dos celulares em salas de aula pode estar com os dias contados. O **Ministério da Educação** prepara para outubro um projeto de lei que prevê o banimento dos aparelhos nas escolas, medida que deve valer para todas as escolas do país, públicas e particulares. Na sexta-feira, 20, durante agenda em **Fortaleza**, o ministro **Camilo Santana** comentou que a posição da pasta da Educação é que o uso "tem sido um prejuízo" aos alunos.

Fonte: EXAME, 2024

Essa reportagem tenciona sobre a possível proibição, pelo MEC, do uso dos celulares nas escolas. Tal temática circula não só nesse site, mas em outras páginas da web, que problematizam a questão da proibição com sendo ou não a melhor opção. Essa situação, da proibição do uso dos celulares nas escolas, é, de fato, um tema que gera debates significativos. Embora uma possível lei possa limitar o uso desses dispositivos móveis no ambiente escolar, é importante refletir sobre os efeitos reais dessa medida no processo de criação curricular cotidiano. Mesmo que o uso de celulares esteja restrito aos espaços internos da escola, as experiências vividas naqueles horizontes não deixam de ser compartilhadas quando professores e alunos saem desses '*espaçostempos*' das escolas. O celular é um meio de conexão com o mundo e suas funções de comunicação, pesquisa e interação social transcendem as barreiras físicas da escola.

V. 9, N21, 2025
DOI: 10.29327/268346.9.21-2

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

Dentre tantas questões que advogam para a proibição do uso dos celulares nas escolas, uma que nos impacta pontualmente é a que afirma que os alunos aprendem mais e se socializam melhor sem o uso dos *smartphones* na escola, como podemos acompanhar a partir da imagem a seguir:

Figura 2 – @midianinja

Fonte: MÍDIA NINJA, 2024

A reprodução do *post* corresponde a um conteúdo gerado a partir de uma das redes sociais mais utilizadas no país, o *Instagram*. O perfil tem o nome de *Mídia Ninja,* com conta seguida por milhões de usuários. O conteúdo produzido pela *Mídia Ninja* tem enfoque no ativismo social, político e cultural. Usam as redes sociais para compartilhar informações e coberturas em tempo real do que está acontecendo no Brasil e no mundo. Segundo o próprio perfil, visa-se à democratização da mídia e à liberdade de expressão, oportunizando a escuta das muitas vozes dos movimentos sociais, das minorias e das pautas que, muitas vezes, não têm espaço na mídia tradicional.

V. 9, N21, 2025
DOI: 10.29327/268346.9.21-2

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

A postagem que afirma maior sucesso no aprendizado e maior socialização dos alunos sem o celular obteve muitas curtidas e comentários, uma vez que é assunto que vem sendo debatido nos '*dentrofora*' das escolas, desde o retorno ao novo normal, no período conhecido como pós-pandemia. Depois da necessidade de uso das tecnologias no período das aulas remotas e das tantas criações feitas no processo de *'aprendizagemensino'* nesse período, a questão sobre a proibição do uso de *smartphones* nas escolas brasileiras revela-se enquanto fenômeno que está moldando a experiência educacional contemporânea. À medida que mais instituições implementam restrições, questionamo-nos como pesquisadoras com os cotidianos das escolas, indagando sobre como nesse mundo tão tecnológico seria possível uma total proibição dos celulares. A resposta para essa pergunta é complexa, multifacetada e, possivelmente, sem a possibilidade de apresentação de uma única resposta.

Entendemos, a partir das pesquisas que realizamos, que a proibição do uso dos celulares, talvez, não seja eficaz, se pensarmos nas questões mais profundas, como o papel das tecnologias no processo de *'aprendizagemensino'* e na formação crítica dos alunos em relação ao uso consciente desses artefatos. Proibir o celular nas escolas pode, em alguma medida, evitar algumas distrações momentâneas, mas o importante é pensarmos na abordagem pedagógica que possa integrá-lo de forma consciente no cotidiano escolar. A provocação que realizamos é a de que possamos utilizá-los para as tantas criações de '*conhecimentossignificações*'. Além disso, o compartilhamento de vivências escolares nas redes sociais e em outros espaços digitais continuará a acontecer, reforçando a ideia de que as fronteiras entre os *'dentrofora'* das escolas são cada vez mais misturadas no contexto contemporâneo.

4 AS REDES SOCIAIS COMO ARTEFATO DE CIRCULAÇÃO DAS LUTAS DOCENTES COTIDIANAS NOS SEUS TANTOS *'DENTROFORA'* DAS ESCOLAS

V. 9, N21, 2025
DOI: 10.29327/268346.9.21-2

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

As plataformas digitais estão sendo cada vez mais utilizadas por todos, então, por que não usá-las nos cotidianos das tantas redes educativas que permeiam o campo da Educação? Estamos impulsionados pela necessidade de adaptação a um mundo em constante mudança e pela crescente digitalização da sociedade. Elas oferecem uma variedade de recursos e ferramentas que facilitam a comunicação e, por isso, a *'aprendizagemensino'* "nos atravessa e nos condiciona" (Santos, 2024, p. 20), permitindo que educadores integrem atividades interativas, materiais multimídias e colaboração em tempo real em suas práticas pedagógicas.

Além disso, essas plataformas proporcionam um *'espaçotempo'* para que professores e alunos compartilhem suas experiências, trabalhando em projetos colaborativos e acessando conteúdos de diferentes fontes. Corroboramos com os pesquisadores da cibercultura ao afirmarem que "[...] não há como negar que as redes sociais da internet são espaços privilegiados de encontro com a/o outra/o, cada uma delas apresentando particularidades e potencialidades." (Couto Junior; Teixeira; Maddalena; Soares, 2023, p. 416). As redes sociais emergem como poderosos artefatos de compartilhamento e de 'circulação' das criações curriculares, permitindo que educadores, alunos e comunidades escolares interajam e troquem *'conhecimentossignificações'* de maneira ampla e acessível.

Através dessas plataformas, é possível encontrar práticas pedagógicas inovadoras, recursos educacionais e experiências de *'aprendizagemensino'*, ampliando o alcance das iniciativas curriculares que antes se restringiam ao ambiente escolar. Essas redes não apenas favorecem a visibilidade das criações docentes, mas também promovem a colaboração entre educadores de diferentes contextos, possibilitando a tessitura coletiva de '*saberesfazeres*'. Além disso, as redes sociais estimulam uma reflexão crítica sobre o currículo, que

> conforme defendemos nas pesquisas com os cotidianos, são 'espaçostempos' de encontros entre diferenças, de reconhecimento e estranhamento, de escrituras sobrepostas, de práticas negociadas, bricoladas e abertas à invenção, às contingências e às oportunidades. (Nolasco-Silva, 2024, p. 11).

V. 9, N21, 2025
DOI: 10.29327/268346.9.21-2

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

Assim, uma vez que as criações curriculares são compartilhadas, podem ser vistas e utilizadas de múltiplas formas e por diferentes usuários, enriquecendo o processo educativo e integrando novas perspectivas e metodologias de *'aprendizagemensino'* nesses '*dentrofora*' das escolas, já que

> neste cenário de amplo acesso às tecnologias, se usadas com senso crítico e analítico para coletar, processar e usar as informações para gerar conhecimento, o papel do professor muda de portador do conhecimento para problematizador, instigador, provocador e mediador no processo de ensino-aprendizagem (Silva; Alves, 2018, p. 20).

Considerando-se as várias possibilidades de interatividade permitidas pelos artefatos tecnológicos disponíveis, torna-se imprescindível, portanto, pressupor, perceber e compreender, em nossas pesquisas e em nossas escolas e universidades, a não passividade dos '*praticantespensantes*' (Oliveira, 2012) dos cotidianos. No entanto, agora, parece um tanto quanto simples dizer que a não passividade desses '*praticantespensantes*' reside nas mediações e na criação de novos significados que esses fazem a partir dos produtos culturais que recebem prontos. Tais ambientes digitais vão além de simples ferramentas, pois possibilitam circulações em muitos formatos, como textos, vídeos, memes, mensagens, emojis, percebendo, assim, que nós os utilizamos para as diversas finalidades.

Nesse cenário, a plataforma do *Instagram* tornou-se uma rede social amplamente popular e cada vez mais acessível, caracterizada por seu *design* intuitivo, que permite acompanhar perfis de interesse, seguir quem você considera importante, acompanhar, interagir com conteúdos por meio de curtidas e comentários. Os usuários dessa rede social se fazem presentes virtualmente na página de alguém. Dessa maneira, pensando nessa grande circulação, fazemos-nos valer para este artigo dos usos que algumas pessoas tomam dessa mídia social. Vale destacar, especialmente, que esses '*praticantespensantes*' (Oliveira, 2012), que são professoras pesquisadoras, utilizam o ciberespaço como ferramenta para a divulgação e para a circulação de seus trabalhos e de seus pensamentos.

V. 9, N21, 2025
DOI: 10.29327/268346.9.21-2

Nosso primeiro exemplo de professora pesquisadora, que movimenta seu *Instagram* e faz múltiplos 'usos' desse meio digital, com fotos, vídeos, textos e debates, é a professora doutora Maria Cecília Sousa de Castro, que atua na rede pública federal de ensino, lecionando para os anos iniciais do Ensino Fundamental, do Colégio de Aplicação – Coluni, da Universidade Federal Fluminense (UFF). A referida pesquisadora é também presidente da Aduff, Associação dos docentes da UFF, sendo uma das docentes mais atuantes nas seções sindicais do Sindicato Nacional dos Docentes de Ensino Superior – Andes. Em seu perfil oficial, a docente compartilha sua luta por melhores investimentos na Educação, indicando e socializando palestras, seminários, greves e demais temáticas que circulam em seu cotidiano.

Figura 3 – Perfil @mcecilias.castro

Fonte: As autoras, 2024

Nesse exemplo, temos uma publicação feita pela pesquisadora, defendendo os direitos do sindicato. Ganha destaque na publicação o quanto a produtora de conteúdo acredita ser necessária toda manifestação a favor de uma

V. 9, N21, 2025
DOI: 10.29327/268346.9.21-2

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

educação melhor e de qualidade. Em sua postagem, compartilha com seus seguidores a crença na relevância da luta por direitos. Castro também expõe seu cotidiano de mobilização, compartilhando momentos de sua rotina em busca de melhores condições de trabalho, incentivando outros profissionais e promovendo a conscientização sobre as demandas da educação. Essa circulação de informações dentro do *Instagram* torna-se fundamental, pois amplia o alcance de sua mensagem, gerando visibilidade, comentários, curtidas e compartilhamentos para as pautas educacionais, fortalecendo, ainda, as redes de apoio entre profissionais, estudantes e demais interessados na melhoria do sistema educacional.

Navegando pelo *Instagram*, também encontramos o perfil da professora, pesquisadora, jornalista e militante Sara Wagner York, mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e, atualmente, doutoranda em Educação na Faculdade de Formação de Professores – FFP, da mesma instituição superior. York é uma mulher trans, compartilhando em seu perfil toda a sua luta, assim como a de todas as minorias que lutam arduamente para se sentirem valorizados pela sociedade.

Figura 4 – Perfil @sarawagneryork

V. 9, N21, 2025
DOI: 10.29327/268346.9.21-2

Fonte: As autoras, 2024

A partir do *Instagram*, York não apenas compartilha seu cotidiano e o de outros indivíduos que debatem questões essenciais para a luta LGBTQIAPN+, mas também usa a plataforma como um espaço de resistência e visibilidade. A produtora de conteúdo já recebeu muitas medalhas e menções honrosas pelo seu movimento e engajamento. Podemos citar aqui, por exemplo, a Medalha ALUMNI da Universidade Estácio de Sá (2017) pela luta na implantação do nome social, nas plataformas educacionais da instituição nacionalmente e por atuar junto à comunidade carioca pela trans-inclusão.

Em seu perfil, York posta nos *stories* e em seu *feed* notícias, debates, seminários e conversas sobre assuntos relevantes. A circulação dessas informações ajuda a *'verouvirsentirpensar'* os cotidianos de muitos *'praticantespensantes'* (Oliveira, 20112), e seu engajamento nas redes sociais. Essas postagens e publicações possibilitam a ampliação e o alcance das muitas pautas e de marcadores sociais, permitindo que as discussões ultrapassem barreiras geográficas e cheguem a pessoas que talvez nunca tivessem acesso a esses temas.

V. 9, N21, 2025
DOI: 10.29327/268346.9.21-2

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

5 PARA SEGUIRMOS NAVEGANDO

Experimentamos a vida em múltiplos '*espaçostempos*' que permeiam e imbricam nossas vivências cotidianas com as mídias digitais. Os muitos 'usos' que fazemos das possibilidades tecnológicas atravessam nossas *'práticasteorias'* e possibilitam as muitas 'artes de fazer' e desenvolver *'conhecimentossignificações'* nos tantos *'dentrofora*' das redes educativas que formamos e que nos formam. As conversas que tecemos em nossos grupos, nas pesquisas que desenvolvemos e, especialmente, como as redes socias que fazemos 'usos', possibilitam-nos a circulação do que criamos nos cotidianos das escolas e com nossos alunos. Da mesma forma, tais dinâmicas garantem que circulem nossas lutas cotidianas em prol de uma educação com equidade e pautada no respeito às muitas maneiras de se existir no mundo.

Ao compartilharmos os perfis e as postagens das professoras pesquisadoras Maria Cecília Sousa de Castro e Sara Wagner York, compreendemos que as redes sociais estão longe de serem apenas espaços de postagens pessoais, podendo se transformar em ferramentas poderosas de mobilização social e política. Usuários da rede, tal como sinalizamos, utilizam o *Instagram* para dar visibilidade às lutas que transcendem aos limites da sala de aula, abrangendo a educação, os direitos dos trabalhadores e a inclusão de minorias. Ao compartilhar suas histórias e suas conquistas, essas educadoras contribuem para a tessitura de uma rede que não só informa, mas também inspira e mobiliza outras pessoas a se engajarem dentro de suas realidades e na defesa de um mundo mais diverso. O *Instagram* não é, portanto, apenas um espaço para postagens aleatórias, mas um ambiente onde se reafirmam direitos, quebram-se barreiras, valorizam-se as conversas e se criam horizontes para a educação e a luta social.

O ato de compartilhar conteúdos nas redes sociais vai além de uma simples troca de informações, pois cria possibilidades de conversas e interações, fazendo circular vários pontos de vista, quebrando as fronteiras físicas e conectando indivíduos e comunidades em torno de objetivos comuns.

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; FERRAÇO, Carlos Eduardo. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos – a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SANCHEZ, Carmem (Orgs.). *Conversas como metodologia de pesquisa, por que não?* Curitiba: CRV, 2018. p. 55-63.

ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. In ALVES, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas* – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019:

ALVES, Nilda; ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SUSSEKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo (Orgs.). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente* – questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. p 1-22.

ÁVILA, Carlos Rodrigues de. *Práticas docentes e saberes:* o conhecimento e o ensino. Editora Vozes, 2008.

CALDAS, Alessandra da Costa Barbosa Nunes; ALVES, Nilda. Redes de conhecimentos e significações e a divulgação científica em Educação – o caso do jornal eletrônico Educação & Imagem. Rio de Janeiro: UERJ/ProPEd, 2010. (dissertação de mestrado).

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano:* 2. morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano.* Artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

EXAME. *Uso de celular: MEC discutirá se proibição será só em salas de aula ou em toda a escola.* Disponível em: https://exame.com/brasil/uso-de-celular-mec-discutira-se-proibicao-sera-so-em-salas-de-aula-ou-em-toda-a-escola/ Acesso em 13 out. 2024.

LEMOS, André. Cultura da mobilidade. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 40, p. 28-35, dez. 2009.

MÍDIA NINJA. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DA8d5x6P0XM/?igsh=bnZ5cjQ2c2RkZHY3 Acesso em 13 out. 2024.

V. 9, N21, 2025
DOI: 10.29327/268346.9.21-2

revista COMMUNITAS
ISSN: 2526-5970

NOLASCO-SILVA, Leonardo. As Redes Educativas de ’Práticasteorias’ Cibercorporais. *EaD Em Foco*, 2024.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. *O currículo como criação cotidiana*. Rio de Janeiro: Faperj, 2012.

SANTOS, Edméa. *Formação online na pós-graduação stricto sensu.* Diários, visual storytelling, narrativas e autorias de uma pesquisadora em movimento nas Cidades e no Ciberespaço. São Paulo: Pedro & João Editores, 2024.

SILVA, Bento; ALVES, Elaine Jesus. Aprendizagem na cibercultura: um novo olhar sobre as tecnologias de informação e comunicação digital no contexto educativo ubíquo. *Interfaces Científicas - Educação*, Aracaju, v. 6, n. 3, p. 17-28, jun. 2018.